

O Assassinato de Walter Guinness, 1.º Barão Moyne: Um Ponto de Virada no Conflito Palestino

A 6 de novembro de 1944, as ruas do Cairo tornaram-se palco de um chocante ato de violência política que ecoou por todo o Médio Oriente e além. Walter Edward Guinness, 1.º barão Moyne, o ministro residente britânico no Médio Oriente, foi assassinado por dois membros do grupo militante judaico Lehi (também conhecido como Bando Stern). Este ousado ato não só ceifou a vida de um proeminente estadista britânico, como também descartou um possível caminho para um Estado judaico, intensificando o já volátil conflito na Palestina. O assassinato de Lord Moyne continua a ser um momento pivotal na história da política colonial britânica, do militantismo sionista e da luta pelo controlo da Palestina.

O Homem: Walter Guinness, 1.º Barão Moyne

Walter Edward Guinness, 1.º barão Moyne (1880–1944), foi um destacado político, empresário, soldado e membro da família anglo-irlandesa de cervejeiros Guinness. Nascido a 29 de março de 1880 em Dublin, Irlanda, era o terceiro filho de Edward Guinness, 1.º conde de Iveagh, herdeiro da rica e influente dinastia Guinness. Educado no Eton College, destacou-se em papéis de liderança, sendo presidente da prestigiada sociedade “Pop” e capitão de remo. Em 1903 casou-se com Lady Evelyn Hilda Stuart Erskine, filha do 14.º conde de Buchan. O casal teve três filhos, incluindo o seu sucessor Bryan Guinness, 2.º barão Moyne, que mais tarde se tornaria poeta e romancista.

A educação privilegiada de Moyne não diminuiu o seu sentido de dever. Descrito por contemporâneos como inteligente, escrupuloso e de espírito público, dedicou a sua vida ao serviço militar e político. A sua imensa fortuna familiar — estimada em cerca de três milhões de libras — concedeu-lhe influência e independência, que usou para perseguir interesses reformistas na agricultura, habitação e política colonial.

Serviço Militar

A carreira militar de Guinness começou durante a Segunda Guerra dos Bôeres (1899–1902), quando se voluntariou para o Imperial Yeomanry, foi ferido em combate e obteve a Medalha da Rainha para a África do Sul. Na Primeira Guerra Mundial lutou no Egito, Gallipoli e França, ascendendo ao posto de tenente-coronel. Duas vezes agraciado com a Ordem de Serviço Distinto (DSO com barra) por bravura, desenvolveu um apego vitalício pelo Médio Oriente. Os seus diários de guerra, publicados em 1987, revelam um soldado refle-

xivo com um agudo sentido de humanidade e história: um homem que via o império como um dever e um fardo.

Carreira Política

Após regressar da frente, Guinness entrou na vida pública como político conservador. Serviu no Conselho do Condado de Londres (1907–1910) e como deputado por Bury St Edmunds de 1907 a 1931. Ao longo de uma carreira de quase três décadas, ocupou vários cargos influentes: subsecretário de Estado para a Guerra (1922–1923), secretário financeiro do Tesouro (1923–1925) e ministro da Agricultura e Pescas (1925–1929), onde promoveu o cultivo de beterraba sacarina e a modernização rural.

Elevado à nobreza em 1932 como barão Moyne, continuou a servir na Câmara dos Lordes. Contribuiu para importantes inquéritos públicos, incluindo a Comissão de 1933 sobre Despejo de Bairros de Lata, a Comissão Real de 1934 sobre a Universidade de Durham e a Comissão Real de 1938 sobre as Índias Ocidentais. Durante a Segunda Guerra Mundial, Moyne regressou ao governo como secretário parlamentar conjunto do Ministério da Agricultura (1940–1941), secretário de Estado para as Colónias e líder da Câmara dos Lordes (1941–1942), e finalmente como ministro residente no Médio Oriente (1942–1944). Nesta capacidade, supervisionou a estratégia britânica em territórios desde a Líbia até ao Irão e serviu como representante principal de Winston Churchill na região.

Negócios e Outros Interesses

Como diretor da cervejaria Guinness, Moyne desempenhou um papel na expansão global do negócio familiar. Cofundou a British Pacific Properties em Vancouver e encomendou a construção da Ponte Lion's Gate, inaugurada em 1939. Como filantropo, ajudou a financiar trusts de habitação em Londres e Dublin para melhorar as condições das famílias trabalhadoras.

A curiosidade e o espírito aventureiro de Moyne levaram-no além da política e do comércio. Apaixonado velejador e explorador, possuiu vários iates reconvertidos — Arpha, Rousalka e Rosaura — e realizou expedições pelo Pacífico e pelo Oceano Índico. Em 1935 trouxe o primeiro dragão-de-komodo vivo para a Grã-Bretanha, e as suas coleções zoológicas e etnográficas foram posteriormente doadas a museus. Escreveu *Walkabout: A Journey between the Pacific and Indian Oceans* (1936) e *Atlantic Circle* (1938), livros que revelam o seu interesse pela antropologia e pela compreensão intercultural.

Contexto Histórico: Médio Oriente e a Crise Palestiniana

O assassinato de Walter Guinness, 1.º barão Moyne, ocorreu em meio a tensões crescentes no Mandato Britânico da Palestina durante a Segunda Guerra Mundial. Como ministro residente britânico no Médio Oriente desde 1942, Moyne era responsável pela supervisão da estratégia de guerra numa região crítica para o império britânico e o abastecimento de petróleo. Isso incluía fazer cumprir o Livro Branco de 1939, que restringia severamente a imigração judaica para a Palestina — limitada a 1.500 imigrantes por mês.

Planeamento e Perpetradores

A ideia de assassinar o ministro residente britânico veio do fundador do Lehi, Avraham “Ya’ir” Stern, que a concebeu como um golpe simbólico contra o sistema imperial britânico. Após a morte de Stern em 1942, o plano foi revivido sob a nova liderança do Lehi, incluindo Yitzhak Shamir — futuro primeiro-ministro de Israel. Dois jovens judeus palestinos, Eliyahu Hakim (19 anos) e Eliyahu Bet-Zuri (22 anos), foram selecionados para executar a missão. O par foi escolhido não só pelo seu compromisso, mas também pela capacidade de atrair atenção internacional para a causa judaica através de um ataque fora da Palestina — a primeira operação do Lehi no estrangeiro. O Lehi visou deliberadamente Moyne como um aristocrata britânico de alto escalão nascido na Irlanda cuja morte ressoaria por todo o Império. No planeamento, o grupo enfatizou o potencial do assassinato para dramatizar o sofrimento judaico, desafiar a autoridade britânica e apresentar a luta sionista como parte de uma campanha anticolonial global.

O Assassinato: Um Ataque Meticulosamente Planeado

No início da tarde de 6 de novembro de 1944, Hakim e Bet-Zuri esperavam perto da residência de Moyne na ilha de Gezira, no Cairo. Por volta das 13:10, chegou o carro de Moyne, conduzido pelo cabo Arthur Fuller e com a sua secretária Dorothy Osmond e o seu ajudante de campo, o major Andrew Hughes-Onslow. Os assassinos aproximaram-se de bicicleta. Bet-Zuri disparou contra Fuller no peito, matando-o instantaneamente. Hakim abriu a porta do carro e disparou três balas contra Moyne: uma atingiu o pescoço acima da clavícula, outra o abdômen — perfurando o cólon e alojando-se perto da coluna — e a terceira roçou os dedos e o peito. Moyne foi levado de urgência para um hospital militar britânico, mas sucumbiu aos ferimentos nesse mesmo dia, aos 64 anos. Os atacantes fugiram, mas foram perseguidos pela polícia egípcia. Após um breve tiroteio, foram capturados e quase linchados por transeuntes enfurecidos antes de serem presos. A análise forense ligou posteriormente as suas armas a operações anteriores do Lehi contra funcionários britânicos.

Consequências Imediatas

O assassinato chocou o mundo e ocupou as manchetes. As autoridades britânicas, temendo distúrbios, abstiveram-se de represálias em massa contra a comunidade judaica, mas reforçaram a segurança em todo o Médio Oriente. No Egito, contrariamente à propaganda do Lehi, não houve manifestações pró-Lehi imediatas, embora motins antijudaicos tenham eclodido no Cairo e em Alexandria um ano depois, em novembro de 1945, causando várias mortes e danos extensos à propriedade. A inteligência britânica alertou para possíveis ataques imitadores — uma preocupação que se materializou quando o primeiro-ministro egípcio Ahmad Maher foi assassinado em fevereiro de 1945. Entre os influenciados pelo evento estava um jovem oficial egípcio chamado Gamal Abdel Nasser, que supostamente admirava a coragem e a determinação anticolonial dos assassinos.

Julgamento e Execução

Hakim e Bet-Zuri foram julgados num tribunal militar egípcio em janeiro de 1945. Usaram o processo para proferir discursos inflamados, defendendo as suas ações como parte de uma luta global pela libertação nacional. Pediram literatura sobre a história revolucionária do próprio Egito e compararam a sua causa a movimentos anti-imperialistas na Índia e na Irlanda. Apesar de amplos apelos à clemência — de comunidades judaicas, intelectuais internacionais e até um gandhiano indiano que os comparou a John Brown e republicanos irlandeses — foram condenados à morte. Os recursos foram rejeitados e ambos os homens foram enforcados a 22 de março de 1945. Funcionários britânicos, incluindo o embaixador Miles Lampson, insistiram na execução rápida das sentenças, temendo que qualquer sinal de indulgência encorajasse mais ataques.

Reação de Winston Churchill

Walter Guinness fora um dos amigos pessoais e aliados políticos mais próximos de Winston Churchill. Os dois homens cofundaram “The Other Club” e partilharam férias, incluindo uma viagem de iate em 1934. Churchill ficou devastado com a morte de Moyne, chamando-a de “um ato odioso de ingratidão”. No seu discurso ao Parlamento a 17 de novembro de 1944, alertou que “o fumo das pistolas dos assassinos” não podia ditar a política. Cancelou uma reunião de gabinete planeada para discutir a partição da Palestina e tornou-se notavelmente mais frio para com os líderes sionistas, recusando responder a mensagens pessoais de Weizmann. Correspondência desclassificada revela a insistência de Churchill em que não fosse concedida clemência aos assassinos, uma posição que refletia tanto o luto como o cálculo político. Embora Churchill não tenha abandonado a sua simpatia geral pelo sionismo, o assassinato alterou permanentemente a sua perspetiva. Transformou uma amizade pessoal numa rutura política e sublinhou os custos morais e estratégicos da posição britânica no Médio Oriente.

Impactos a Longo Prazo e Implicações Mais Amplas

O assassinato de Lord Moyne teve consequências que ultrapassaram em muito o momento imediato. Aprofundou a desconfiança entre a Grã-Bretanha e o movimento sionista, descarrilou uma proposta de partição quase iminente e contribuiu para a decisão final da Grã-Bretanha de renunciar ao Mandato. A escalada subsequente de violência culminou na votação de partição da ONU em 1947 e no estabelecimento de Israel em 1948. Em Israel, os assassinos, condenados globalmente como terroristas, foram reimaginados como mártires da libertação nacional. Em 1975, os seus restos mortais foram repatriados do Egito numa troca de prisioneiros e sepultados novamente com plenas honras militares no Monte Herzl, em Jerusalém.

Uma Sombra Duradoura: Relações Britânico-Israelitas e a Ligação Real

O legado do assassinato de Lord Moyne estendeu-se muito além da década de 1940, projetando uma sombra subtil mas duradoura sobre as relações britânico-israelitas. Um dos seus símbolos mais duradouros foi a ausência da rainha Isabel II de Israel durante os seus

setenta anos de reinado. Apesar de visitar mais de 120 países e receber múltiplos convites de líderes israelitas, nunca realizou uma visita oficial de Estado.

Embora o governo britânico mantivesse uma política informal que desencorajava visitas reais a Israel para evitar alienar aliados árabes e pôr em risco relações comerciais na região, também desempenharam um papel fatores pessoais e históricos. A memória de ataques militantes sionistas ao pessoal britânico durante o Mandato — especialmente o assassinato de Lord Moyne em 1944, um amigo próximo de Winston Churchill — deixou uma marca duradoura na monarquia e no establishment britânico. O assassinato de Moyne, parte de uma campanha mais ampla de violência que incluiu o atentado bombista ao Hotel King David em 1946 que matou 91 pessoas (entre elas funcionários e civis britânicos), simbolizou um período de traição e perda para muitos nos círculos governantes da Grã-Bretanha.

Alguns relatórios sugerem que estas memórias moldaram as percepções privadas da rainha. Uma versão afirmava que acreditava que “todo israelita era terrorista ou filho de terrorista”, refletindo quão profundamente tais eventos foram internalizados por uma geração de elites britânicas que testemunharam o fim violento do império na Palestina. Consequentemente, os funcionários israelitas raramente recebiam audiências individuais no Palácio de Buckingham, com contactos limitados principalmente a eventos multilaterais ou cerimoniais. A sombra do assassinato de Lord Moyne estendeu-se assim ao protocolo diplomático moderno, ilustrando como traumas do império podem perdurar de maneiras subtis mas poderosas ao longo de décadas.

Conclusão

O assassinato de Walter Guinness, 1.º barão Moyne, foi mais do que o assassinato de um funcionário britânico: foi um evento sísmico que remodelou a trajetória do conflito palestino e acelerou o desmantelamento do império britânico no Médio Oriente. Moyne, soldado, estadista e reformador, representava uma raça em extinção de pragmáticos imperiais que procuravam equilíbrio entre nacionalismos concorrentes. A sua morte silenciou um possível mediador e endureceu as atitudes em todos os lados.

Visto através da lente das normas internacionais contemporâneas, o assassinato de um diplomata estrangeiro de alto escalão em solo estrangeiro seria classificado inequivocamente como um ato de terrorismo. As definições modernas — como as utilizadas pelas Nações Unidas e pela maioria dos governos nacionais — identificam a violência política deliberada contra funcionários não combatentes para influenciar a política como terrorismo, independentemente do motivo ou causa. Embora o Lehi enquadrasse as suas ações como resistência anticolonial, o ataque a um líder político civil no estrangeiro cai diretamente dentro da conceção atual de terrorismo, sublinhando a tensão duradoura entre violência revolucionária e legitimidade moral.

Referências

- Barnett, Correlli. *The Collapse of British Power*. London: Methuen, 1972.

- Ben-Yehuda, Nachman. *Political Assassinations by Jews: A Rhetorical Device for Justice*. Albany: State University of New York Press, 1993.
- Churchill, Winston S. *The Second World War: Volume VI – Triumph and Tragedy*. London: Cassell, 1954.
- Cohen, Michael J. *Churchill and the Jews*. London: Frank Cass, 1985.
- Gilbert, Martin. *Winston S. Churchill: The Prophet of Truth (1922–1939)*. Boston: Houghton Mifflin, 1977.
- Hoffman, Bruce. *Anonymous Soldiers: The Struggle for Israel, 1917–1947*. New York: Knopf, 2015.
- Louis, Wm. Roger. *The British Empire in the Middle East, 1945–1951*. Oxford: Clarendon Press, 1984.
- Porath, Yehuda. *The Emergence of the Palestinian-Arab National Movement, 1918–1929*. London: Frank Cass, 1974.
- Shindler, Colin. *A History of Modern Israel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- Wasserstein, Bernard. *The British in Palestine: The Mandatory Government and the Arab-Jewish Conflict, 1917–1929*. Oxford: Basil Blackwell, 1978.
- Wasserstein, Bernard. *Herbert Samuel: A Political Life*. Oxford: Clarendon Press, 1992.
- Weizmann, Chaim. *Trial and Error: The Autobiography of Chaim Weizmann*. New York: Harper & Brothers, 1949.
- Wistrich, Robert S. *Zionism and Its Discontents: Essays on the Jewish Struggle for Statehood*. New York: Oxford University Press, 2017.
- The Times (London). "The Murder of Lord Moyne." Editorial, 8 de novembro de 1944.
- Ha'aretz. "The Death of Lord Moyne: Consequences for Zionism." Novembro de 1944.
- Hansard Parliamentary Debates. House of Commons, 17 de novembro de 1944, vol. 404.
- Royal Archives. Correspondence Relating to Middle East Policy and the Assassination of Lord Moyne, 1944–1945. Windsor Castle: Royal Archives Collection.
- Segev, Tom. *One Palestine, Complete: Jews and Arabs under the British Mandate*. New York: Metropolitan Books, 2000.
- Smith, Charles D. *Palestine and the Arab-Israeli Conflict: A History with Documents*. 9.^a ed. Boston: Bedford/St. Martin's, 2021.